

**Biblioteca desdobrada: comunicação, interações e consumo
no Espaço Cultural Nossa Biblioteca em Belém do Pará**

*Library unfolded: communication, interactions and consumption
at the Espaço Cultural Nossa Biblioteca in Belém do Pará*

Elis Cristina Pantoja MONTEIRO¹
Manuela do Corral VIEIRA²

Resumo

O Espaço Cultural Nossa Biblioteca, localizado no bairro periférico do Guamá, na cidade de Belém do Pará, foi criado para promover o acesso à cultura na comunidade local, evidenciando a importância sociocultural da biblioteca como um espaço de interações mediado pela comunicação e pelo consumo. Neste estudo de caso, analisam-se as relações sociais formadas nas atividades realizadas na biblioteca e a relevância da criação de projetos relacionados à cultura e literatura no bairro do Guamá como promovedores do desenvolvimento de laços sociais. O estudo compreendeu o Espaço Cultural como um catalisador de transformações sociais, em que a cultura, as sociabilidades e o consumo constroem e influenciam as experiências do tecido social.

Palavras-chave: Espaço Cultural Nossa Biblioteca. Comunicação. Biblioteca Comunitária. Consumo. Sociabilidades.

Abstract

O Espaço Cultural Nossa Biblioteca, located in the peripheral neighborhood of Guamá, in the city of Belém do Pará, was created to promote access to culture in the local community, highlighting the sociocultural importance of the library as a space for interactions mediated by communication and consumption. In a case study, the social relationships formed in the activities carried out in the library and the relevance of creating projects related to culture and literature in the Guamá neighborhood as promoters of the development of social ties are analyzed. The study understood the Cultural Space as a catalyst for social transformations, in which culture, sociabilities and consumption build and influence the experiences of the social fabric.

Keywords: Espaço Cultural Nossa Biblioteca. Communication. Community Library. Consumption. Sociabilities.

¹ Graduanda em Comunicação Social, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (FACOM/UFPA). Bolsista de Iniciação Científica (FAPESPA/UFPA) e integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFPA).
E-mail: euelismonteiro@gmail.com

² Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora na Faculdade de Comunicação (FACOM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCom) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Consumo e Identidade – Consia (CNPq/UFPA). E-mail: mcorral@ufpa.br

Introdução

Uma biblioteca comunitária, enquanto organização, deve se comprometer a promover mudanças positivas na comunidade onde está inserida, por meio do acesso gratuito a diversos recursos informacionais (Laipelt et al, 2005). O consumo de informações, nesse contexto, vem da leitura dos livros, usados e doados, disponíveis na biblioteca e participação das atividades, que desempenham um papel crucial na formação de laços e interações dentro da comunidade. Através das atividades realizadas na biblioteca os frequentadores não apenas adquirem conhecimento, mas também desenvolvem conexões significativas entre si.

O Espaço Cultural Nossa Biblioteca (ECNB) participa da rede de bibliotecas comunitárias Amazônia Literária, que abrange diversas bibliotecas comunitárias em Belém do Pará e sua região metropolitana. O local foi fundado na década de 1970¹ (Costa; Sousa, 2017), pela Sociedade das Missionárias Médicas Holandesas, através da irmã Madalena Westerveld, durante o período que diversos esforços de assistência humanitária chegaram ao Brasil. No contexto desse movimento, as irmãs médicas Missionárias da Holanda chegaram a Belém por volta de 1977. Ao chegarem, notaram imediatamente a presença significativa de crianças em situação de rua no bairro do Guamá, região periférica da cidade. Para se integrarem melhor à comunidade e aprimorarem o aprendizado do idioma, além de ajudar a aliviar a situação de vulnerabilidade de quem vivia nos arredores, decidiram abrir as portas de sua residência (Figura 1) e estabelecer uma pequena biblioteca em sua sala, com a finalidade de proporcionar acesso à cultura à comunidade do bairro.

Figura 1 – Indivíduos em frente ao Espaço Cultural

Fonte: Mapa Cultural do Pará³

O local é aberto para visitação de qualquer público de segunda à sexta, das 9h às 12h e das 15h às 18h e consolida-se como um importante centro de formação de vínculos e interações sociais, possuindo um acervo de 15 mil peças literárias. Entre as diversas atividades promovidas, destaca-se a roda de leituras para crianças, que desempenha um papel fundamental no incentivo à leitura e giram em torno do uso de livros doados e reutilizados, por membros da comunidade, promovendo, assim, o reaproveitamento dos recursos informacionais disponíveis. Por meio dessas iniciativas (figura 2), a biblioteca não apenas fomenta a educação e a cultura, mas também fortalece os laços comunitários e cria um ambiente propício ao aprendizado e à convivência.

A carência de acesso à cultura e à literatura em comunidades marginalizadas configura-se como uma problemática significativa, uma vez que, quem consome os serviços da biblioteca tem contato com livros e informações que, em outras circunstâncias, estariam fora de seu alcance. O consumo desses livros, portanto, emerge como um processo essencial para a construção de vínculos de significado que, conforme relembra Perez, estabelecem-se entre objetos, serviços e indivíduos (Perez, 2020), levando os livros a atuarem como veículos de informação, contribuindo substancialmente para a formação e o fortalecimento da comunidade. Ao possibilitar o acesso a esses recursos, criam-se oportunidades para que os membros da comunidade não apenas

³ Disponível em: <https://mapacultural.pa.gov.br>. Acesso em: 29/07/2024.

adquiram conhecimento, mas também desenvolvam conexões interpessoais significativas, reforçando e promovendo o desenvolvimento coletivo.

O consumo de livros usados por outras pessoas anteriormente gera novos significados e cria conexões entre diferentes sujeitos. Podemos perceber como este processo está alinhado ainda com os princípios da cultura material, no sentido da busca pelo reaproveitamento de produtos que inicialmente seriam descartados, inserindo-os em novos contextos de uso. A biblioteca, ao basear seu acervo em livros de segunda mão, exemplifica essa prática ao dar nova vida a esses materiais. Conforme a teoria de Daniel Miller (2007), os objetos adquirem diferentes significados dependendo do ambiente em que são inseridos, tendo assim diversos sentidos para diferentes grupos. Dessa forma, os livros usados, ao serem compartilhados na biblioteca, não apenas promovem o acesso à informação, mas também fomentam uma rede de relações interpessoais e culturais, enriquecendo a comunidade através da ressignificação desses objetos.

O presente artigo busca, assim, compreender as relações de sociabilidade que se estabelecem em estudo de caso a partir do consumo de livros e das informações oferecidas pelas atividades da biblioteca Espaço Cultural. A pesquisa foca em como este espaço funciona como um ponto de encontro e troca para a comunidade, se contribuindo para seu desenvolvimento e facilitador de interação social tendo como enfoque as percepções sobre as diversas práticas de consumo realizadas no local. Como metodologia foram realizadas pesquisas documentais sobre o local, bem como visitas ao ECNB e entrevista com a educadora social, pedagoga e atual presidente do Espaço Cultural, Minéia Neita Braga da Silva, que e a educadora Marta Goreti Rodrigues Lima, com o intuito de compreender mais sobre a criação e projetos da Nossa Biblioteca, participante do ECNB e sua inserção social-cultural no entorno e a agenda de atividades prevista na inserção de seus frequentadores e na sensibilização de novos interessados a partir de pautas que estejam em evidência ou que se apresentem pertinentes aos propósitos do ECNB em se constituir como uma possibilidade de experiência e interações e sociabilidades entre seus sujeitos e a microssociologia que os constitui e que pode impactar em esferas macros e vice-versa.

A pesquisa utiliza como referencial teórico o conceito de Sociedade do Consumo de Livia Barbosa (2004; 2006) e teorias de Barbosa e Colin Campbell (2006) percebendo o consumo como um elemento matriz da sociedade, sendo, nesse caso, conectado ao consumo de serviços prestados no Espaço Cultural; além dos estudos relacionados a

sociabilidades de Georg Simmel (2006), além das contribuições Muniz Sodré (2014) sobre a relação com os processos comunicacionais estabelecidos na biblioteca.

Agenciamento e consumo de sociabilidades no ECNB

Para esclarecimentos e apresentações iniciais, pontuamos que consideramos o espaço de uma biblioteca como uma maneira da comunidade por meio de eventos que possam promover na forma de diálogos abertos e eventos que fortalecem relacionamentos. Como parte desse engajamento, no caso da biblioteca Espaço Cultural, compartilham-se ainda atividades com a comunidade como doações de alimentos, além de oferecer grupos psicoterapêuticos para jovens e para a equipe. Assim, percebemos como o local contribui para diversas agendas, como fóruns especializados em direitos humanos e direitos da criança e do adolescente, além de estabelecer colaborações com instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, como a Universidade Federal do Pará e a Universidade da Amazônia, além de envolver-se com o governo estadual e suas secretarias, o governo municipal e suas representações, e autarquias como a Fundação Cultural do Pará e a Fundação Papa João XXIII - FUNPAPA.

Nesse sentido, desde seu início, a biblioteca Espaço Cultural tem promovido atividades integradas com a comunidade, envolvendo crianças, jovens e adultos, procurando manter um contato contínuo. O local estabelece parcerias com outros espaços comunitários do bairro, como centros sociais e associações, bem como com entidades da cidade e voluntários, colaborando frequentemente na busca por melhorias estruturais, como saneamento e políticas públicas para o desenvolvimento do bairro. Essa aproximação gradual tem solidificado laços fortes com aqueles que frequentam ou têm algum vínculo com o espaço.

Figura 2 – Atividade realizada na biblioteca

Fonte: Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias⁴

As bibliotecas comunitárias costumam ter um enfoque de atuação especialmente orientado para atender às necessidades de seus usuários priorizando questões sociais em detrimento de meros procedimentos técnicos (Wessfl, 2011). O Espaço Cultural Nossa Biblioteca dispõe de um acervo de 15 mil obras, sendo 12 mil voltadas para a literatura, além de 150 gibis e 1.500 livros de brinquedos. Para facilitar o acesso e a busca por livros, a biblioteca adota um sistema de organização por cores, onde cada gênero literário é representado por uma cor específica⁵. O Espaço Cultural exerce ainda uma influência simbólica significativa nas interações sociais da comunidade que interage e afeta. As atividades culturais realizadas no local manifestam-se como eventos que atribuem um propósito e uma forma específicos, tanto para quem participa quanto para quem observa, de maneira que esses aspectos não podem ser completamente compreendidos por uma análise isolada e concreta. Embora esses simbolismos não sejam visíveis de forma direta, eles são perceptíveis na maneira como moldam e enriquecem as relações (Simmel, 2006). Focando apenas no que é concreto, encontrar-se-iam apenas indivíduos isolados, e, entre eles, não haveria mais do que um vazio espacial.

Para o ano de 2025, entre as ações já realizadas pelo Espaço Cultural Nossa Biblioteca, organiza-se a 1ª Feira Literária do Guamá (FLIG), realizada em novembro do referido ano, na Praça Benedito Monteiro, localizada na Rua Barão de Igarapé-Miri, ponto

⁴ Disponível em: <https://rnbc.org.br/biblioteca/espaco-cultural-nossa-biblioteca/>. Acesso em: 29/07/2024.

⁵ Mais informações são encontradas em: <https://rnbc.org.br/biblioteca/espaco-cultural-nossa-biblioteca/>. Acesso em: 29/07/2024.

movimentado do bairro do Guamá, no qual se localiza a Nossa Biblioteca. A motivação para o projeto surgiu da oportunidade de levar acesso à informação para a comunidade do bairro, considerando a vinda da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025⁶ (COP 30), que ocorrerá no mesmo mês que a FLIG. Com o objetivo de estimular a leitura e a conscientização ambiental, em um contexto de evento como a COP 30, a programação do evento envolverá atividades como debates sobre questões climáticas, buscando relacionar com as necessidades do bairro; palestras; rodas de conversa; tendas de contação de histórias.

Figura 3 – Captura de tela do perfil do instagram da FLIG⁷



Fonte: Autoral.

O bairro do Guamá, assim como outras áreas periféricas de Belém, enfrenta uma marginalização histórica que se reflete tanto na percepção externa quanto nas condições socioeconômicas de seus moradores. Sendo um território frequentemente deixado de lado em grandes discussões sobre políticas públicas e desenvolvimento, o Guamá se vê à margem de eventos de grande porte, como a própria COP 30, que tende a concentrar a atenção e os recursos nas áreas mais centrais e visíveis da cidade. Essa exclusão não só reforça os estigmas e assimetrias que pesam sobre a comunidade, mas também impede que os moradores tenham uma presença ativa nas decisões que afetam diretamente seu

⁶ A Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025 (COP30) consiste na 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, e acontecerá entre os dias 10 e 21 de novembro de 2025, na cidade de Belém, no Pará.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/fligfestaliterariaguama/>

cotidiano, como as questões ambientais e o desenvolvimento sustentável. Em um contexto como esse, a Feira Literária surge como um momento crucial para dar visibilidade às demandas e potencialidades locais, oferecendo uma plataforma para que os moradores possam expressar suas perspectivas e reivindicações.

Ao organizar a FLIG, no mesmo período da COP 30, a Nossa Biblioteca busca colocar o Guamá como um protagonista no debate sobre mudanças climáticas, ainda que o bairro não seja tradicionalmente o foco de tal evento. A feira, ao trazer discussões sobre o impacto ambiental, busca permitir que a comunidade reflita sobre a sua própria relação com o meio ambiente e com as transformações urbanas que afetam seu cotidiano. Além disso, a FLIG tem o intuito de ser um espaço para questionar as lacunas deixadas pelas grandes conferências e políticas públicas, ao destacar a importância de se considerar as realidades locais, muitas vezes negligenciadas. A FLIG, portanto, não apenas busca celebrar a literatura e a cultura, mas se propõe a ser um momento de ampliação da voz dos moradores do Guamá, fortalecendo sua identidade e reafirmando que, principalmente na periferia, as questões ambientais e sociais merecem ser ouvidas e abordadas. Minéia Silva compartilha, em entrevista feita pela autora:

[...] a relevância é as pessoas do bairro, que não estão acostumadas a esse tipo de evento social ligado à leitura, terem oportunidade de participar, porque tem muita gente que não vai porque não tem como ir. Então é ‘tu trazer’ a questão da leitura, escritores, livros, livrarias, eventos culturais [...] pro convívio dessas pessoas, ‘pra’ elas entenderem que elas podem e devem estar nesses espaços, ocupando esses espaços de cultura. Oportunizar às pessoas de estarem participando e estar ali perto deles. (Informação verbal).

A proposta de um evento inspirado na Feira Pan-Amazônica do Livro, mas situado no coração de uma periferia, surge como uma oportunidade inédita de dar visibilidade e voz a essas comunidades. Essa iniciativa visa, portanto, levar o acesso à cultura, à literatura e ao conhecimento para dentro desses espaços, promovendo um evento que dialogue com a realidade local e com os habitantes, além de valorizar as manifestações culturais próprias das periferias, criando um ambiente inclusivo que fomente a troca e a participação ativa dos moradores.

O historiador Raimundo Oliveira (2017, apud Costa; Sousa, 2017) destaca que o período de consolidação do Espaço Cultural foi caracterizado por intensas turbulências, em meio ao contexto da ditadura civil-militar brasileira. Nesse cenário, a biblioteca

emergiu como um importante espaço de acolhimento, permitindo que centros comunitários se reunissem para debater questões sociais. Diante das restrições impostas pela falta de liberdade de expressão e a impossibilidade de utilização de espaços públicos oficiais, essa instituição se transformou em um ponto de resistência, onde a comunidade podia se organizar e reivindicar seus direitos. O historiador também afirma:

A biblioteca é simbolicamente algo muito maior do que uma guardiã de livros, ela é um sujeito que tem vida, um sujeito que anda, um sujeito que procura, um sujeito que articula, um sujeito que promove, um sujeito que liga os vários pontos que trabalham com a leitura dentro da cidade, ou seja, ela é uma coisa viva, ela não está morta, ela não espera mais, ela vai atrás, ela criou pernas e tem mobilidade (Oliveira, 2017 apud Costa; Sousa, 2017, informação verbal).

Além de servir como um espaço de debate, o Espaço Cultural Nossa Biblioteca também se destacou na promoção da sociabilidade e do desenvolvimento comunitário. Um exemplo significativo foi a reunião realizada, em 2016, no Dia Internacional da Mulher, documentada pelas estudantes biblioteconomia, Mariza Costa e Leticia Sousa (2017), que envolveu crianças de 10 a 12 anos em um círculo de leitura em um encontro onde os jovens puderam compartilhar suas visões sobre o papel feminino na sociedade, bem como narrar experiências sobre as mulheres em suas vidas, como mães, tias e avós, em um ambiente que buscava fortalecer também a percepção sobre os laços comunitários de quem vive nas proximidades do Espaço. A leitura, nesse contexto de resistência, assume um papel crucial não apenas como uma ferramenta de acesso ao conhecimento, mas como um meio de libertação intelectual e de fortalecimento da identidade de um povo oprimido.

Conforme ressaltam Blank e Sarmento (2010), uma das características essenciais das bibliotecas comunitárias é a sua proximidade com a comunidade a qual atende. Essa relação é uma busca que procura estreitar as possibilidades desses espaços enquanto núcleos de desenvolvimento social e cultural. Como menciona Livia Barbosa (2004), o ato de consumir é uma experiência pessoal que reflete o direito de escolha de cada indivíduo, moldando-se através de sua identidade. Essa liberdade de escolha é frequentemente influenciada pelo contexto social em que a pessoa se encontra (Sodré, 2002, 2006, 2014), funcionando como um reflexo do ambiente que a cerca. O desenvolvimento de práticas de sociabilidades, que se evidencia nas interações sociais

promovidas pelo ECNB, torna-se uma possibilidade relevante para a construção da cidadania, pois possibilita o acesso à educação, à cultura e ao lazer.

Bibliotecas comunitárias e sociedade

No contexto das bibliotecas comunitárias, é fundamental ainda considerar a análise de Queiroz (2006), que enfatiza seu papel como um instrumento capaz de fornecer suporte cultural frente à complexidade socioeconômica, política e educacional. Os diálogos promovidos com as crianças, por exemplo, nesse ambiente criam um espaço de troca que busca estimular o desenvolvimento do pensamento crítico, com o intuito de que elas percebam nuances da sociedade que, em outras circunstâncias, poderiam passar despercebidas. Ademais, ao se reconhecer a comunidade como um núcleo dinâmico da comunicação (Sodré, 2014), entende-se que esse espaço simbólico permite interações que transcendem a mera troca de informações. A Nossa Biblioteca, assim, configura-se como um local onde a comunicação mediada contribui para a formação de perspectivas, tornando-se um agente de transformação que favorece uma compreensão mais profunda e coletiva das interações sociais.

Em ambientes como os bairros periféricos, onde as desigualdades sociais são mais evidentes, as bibliotecas comunitárias surgem como espaços vitais para a promoção da cultura e do acesso à informação. Essas bibliotecas não são apenas locais onde se guarda e empresta livros, mas se transformam em centros de resistência e de fortalecimento de comunidades, ajudando a superar a marginalização social e a oferecer uma alternativa ao silêncio imposto pela falta de recursos e pela exclusão. A análise de Queiroz (2006) sobre o papel das bibliotecas comunitárias como instrumentos de suporte cultural é fundamental para compreender e dimensionar parte da relevância desses espaços em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, política e educacional. Em um cenário de complexidade socioeconômica e política, muitas vezes a educação formal e as oportunidades culturais estão ausentes ou são limitadas.

A democratização do acesso à cultura e à educação é essencial para o desenvolvimento de qualquer sociedade. Ao tornar a leitura uma prática acessível e valorizada em comunidades periféricas, está-se criando oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal para todos, independentemente da condição social. Minéia Silva compartilha:

A ideia é que a periferia se torne um espaço que entenda que a leitura ela pode ser uma cultura popular, esse é até o nosso lema hoje. A gente queria construir um bairro de leitores, [...] fazer todo mundo entender que leitura tem que ser uma cultura popular, tem que ‘tá’ aí ‘pra’ todo mundo. Não é só o filho do mais abastado que tem que ter direito a leitura, uma boa educação. (Informação verbal).

Esse cenário para a quebra de desigualdades, oferece ferramentas para a construção de um pensamento crítico e possibilita que os indivíduos se tornem agentes ativos em sua própria transformação e na de sua comunidade. As bibliotecas comunitárias, portanto, têm um papel único em promover a educação não formal e fornecer acesso a conhecimentos que ajudam a preencher as lacunas educacionais. Percebe-se ainda a relevância e a importância que a comunicação pode exercer nos laços de interação, de identificação e acesso de uma comunidade, uma vez que a cultura desempenha um papel crucial no desenvolvimento da subjetividade humana (Barbosa, 2004), sendo um elemento central na formação de opiniões e valores. O ato de consumir livros não só molda a percepção que cada pessoa tem de si mesma, mas também altera a maneira como vê os outros, uma vez que o ser humano, como um ente essencialmente social (Sodré, 2014) depende da interação com uma comunidade para se compreender enquanto indivíduo. Dessa forma, o consumo literário não apenas promove o acesso a informações e conhecimentos, mas também desempenha um papel crucial na construção de identidades e nas relações interpessoais, afetando diretamente a forma como os indivíduos se posicionam no contexto social e se relacionam com o entorno.

Assim, o Espaço Cultural Nossa Biblioteca, em suas atividades, apresenta-se como um local de acesso à literatura, bem como um ambiente que estimula a reflexão crítica e a formação de identidades coletivas por meio da interação e do compartilhamento cultural. Muniz Sodré (2014, p. 209) afirma que a comunidade é “algo em que sempre estamos, na medida em que sempre nos comunicamos, no interior da distribuição dos lugares e das identificações constitutivas dos laços coesivos”. Nesse sentido, como mencionado anteriormente, para que haja um desenvolvimento pessoal significativo, a participação em práticas comunitárias e compartilhadas é fundamental, e essa dinâmica funciona em ambas as direções.

A criação de conexões e de um saber coletivo, especialmente em ambientes de debate e troca de experiências, pode ainda construir um conhecimento coletivo e crítico. Esse saber, que se torna construído e (com)partilhado, contribui para a formação de

opiniões individuais mais embasadas, que, ao serem debatidas com a comunidade, fortalecem ainda mais o processo de aprendizagem coletiva. Ao gerar um ambiente de reflexão constante, o debate ajuda a comunidade a se tornar mais informada e engajada. As opiniões formadas e trocadas em espaços de debate influenciam o crescimento intelectual de cada indivíduo e reforçam o vínculo social entre as pessoas, criando um ciclo contínuo de troca, aprendizado e fortalecimento das relações dentro da comunidade.

Como núcleo de inovação social e cultural, o Espaço Cultural reflete as necessidades contemporâneas das comunidades que atendem, promovendo o acesso à informação e se posicionando como um espaço de interação e aprendizado, onde atividades em grupo e discussões são essenciais para fomentar a conscientização sobre questões sociais. Essa conscientização não se desenvolve de maneira isolada; de acordo com Georg Simmel (2006), a vivência compartilhada possibilita a evolução individual e coletiva e, quando projetada no contexto do ECNB, é possível perceber que, ao se adaptar e oferecer um ambiente propício para o diálogo, a Biblioteca contribui para a formação de cidadãos mais informados e engajados, ressaltando a importância das relações sociais na construção da identidade e na compreensão do papel de cada um na sociedade.

Discutir a formação de referenciais identitários no contexto atual implica reconhecer que a principal característica da conjuntura sócio-histórica contemporânea é a fragmentação. Até o início do século XX, as pessoas eram frequentemente categorizadas por enquadramentos políticos, sociais, sexuais, econômicos e culturais estáveis, ao que, em verdade, dificilmente representava as matizes de um ser humano. Entretanto, a abordagem que percebe as diversas configurações nas esferas de sociabilidade, permite perceber o sujeito enquanto um ser em constante elaboração, experiência e trocas (Bauman, 2005), revelando-se como algo a ser experienciado e não simplesmente descoberto e finalizado. Portanto, o Espaço Cultural Nossa Biblioteca, ao ser compreendido como uma sociedade na qual um grupo de indivíduos está interconectado por meio de relações mútuas, que exercem influência na vida de seus frequentadores, impactando-os nas experiências de si e de suas interações com os espaços e os demais sujeitos.

O ECNB configura-se, desta forma, como um local para ações comunicativas, estabelecendo laços que atuam como conexões entre grupos, facilitando a troca de informações entre os indivíduos. Esses vínculos podem ser vivenciados e compartilhados, criando um senso de pertencimento que mantém a coesão da comunidade. Nesse contexto,

elementos como vestuário, corpo, discurso, lazer, alimentação, bebida, automóvel e moradia devem ser considerados como indicadores de uma individualidade (Barbosa, 2004) que é mediada por um espaço social e resulta de um processo comunicativo. Então que é comum, coletivo, dentro do contexto, torna-se um ambiente de desenvolvimento para a comunicação e sustenta uma simbologia de coletividade.

Para Barbosa e Campbell (2006), a cultura configura a essência de uma sociedade desempenhando um papel crucial na formação de identidades e na oferta de vivências que moldam a visão de mundo de cada indivíduo. Nesse contexto, a Nossa Biblioteca pode ser compreendida como uma microssociologia que exerce influência sobre as condutas de seus membros. A sociabilidade praticada na Nossa Biblioteca desempenha, ainda, um papel agenciador e simbólico fundamental, aportando significados outros às vidas das pessoas (Simmel, 2006), ai que pese que entender as relações e os laços estabelecidos em uma comunidade implica analisar e interpretar suas dinâmicas sociais, reconhecendo que os fatores, as socialidades que afastam e aproximam sujeitos não podem ser encaradas como coisas rígidas, mas sim como fenômenos em transformação, ao que Simmel (2006, p. 26-27) afirma: “[...] nenhuma vontade ou poder humanos pode se permitir dar passos de forma arbitrária, [...] e realizar sínteses, devendo, pois, seguir a lógica interna das coisas.”.

Ao refletir sobre a inclusão informacional de indivíduos em regiões periféricas de Belém, como no bairro do Guamá, o Espaço Cultural se destaca como um ambiente disruptivo que promove experiências sociais enriquecedoras, contribuindo para a formação social dos jovens da localidade por meio do acesso a conhecimento e à sociabilidade. Nesse sentido, consumo e cultura, ou cultura do consumo (Barbosa; Campbell, 2006), estão entrelaçados nas interações cotidianas, estabelecendo uma relação cultural que promove a integração e a comunicação dentro da sociedade, sendo fundamental reconhecer que esse consumo leva à nossa inclusão ao mundo. Simmel (2006) faz a seguinte afirmação sobre a interação do indivíduo com o seu redor:

Com base nas condições e nas necessidades práticas, nossa inteligência, vontade, criatividade e os movimentos afetivos, elaboramos o material que tomamos do mundo. De acordo com nossos propósitos, damos a esses materiais determinadas formas, e apenas com tais formas esse material é usado como elemento de nossas vidas. (Simmel, 2006, p. 61).

A partir desses conceitos, percebem-se as relações em sociedade enquanto

oportunidades propícias para ações comunicativas, capazes de gerar conexões com diversas trocas de experiências de si e do outro em interação. Esses vínculos podem ser experimentados e compartilhados, formando um sentido comum que mantém a coesão da comunidade e que, por sua vez, é um ambiente de evolução para a comunicação e sustenta uma simbologia comunitária. Portanto, governar esse comum é similar a gerir a comunicação, já que o processo em si é complexo e muitas vezes incompreendido. Compreender o comum envolve reconhecer sua natureza transitória na vida social, mediada por experiências de construção de laços e convívio.

Considerações finais

A intersecção entre sociabilidade e consumo revela-se essencial para a compreensão das dinâmicas sociais que moldam sociedades em comunidades como a do Espaço Cultural Nossa Biblioteca. A construção de vínculos, conforme abordado por Sodr  (2002), propicia um ambiente comunicativo que enriquece a troca de experi ncias, mesmo em contextos em que o consumo pode gerar exclus o. Assim, o Espaço Cultural emerge como um elemento de destaque na promo o da inclus o e na forma o social dos jovens, evidenciando que a comunica o e a cultura est o intrinsecamente ligadas, contribuindo para a cria o de um comum que sustenta a evolu o da vida em comunidade. Portanto, entender e valorizar essas intera o es   crucial para o fortalecimento do tecido social e para a promo o de um ambiente mais justo e inclusivo. A comunica o  , assim, fundamental para os la os de intera o e identifica o dentro de uma comunidade, com a cultura desempenhando um papel essencial no desenvolvimento da subjetividade humana (Barbosa, 2004) e na forma o de opini es e valores. Nesse contexto, consumo, de informa o es e sociabilidades, molda a autoimagem dos indiv duos e influencia sua percep o dos outros, j  que a intera o social   vital para a autocompreens o (Sodr , 2014). O acesso ao ECNB facilita o acesso a conhecimento, mostrando-se crucial na constru o de identidades e nas rela o es interpessoais, impactando diretamente como os indiv duos se posicionam e se relacionam socialmente.

A relev ncia da cria o de institui o es e projetos no bairro do Guam  reside na necessidade de fortalecer o sentimento de pertencimento entre os moradores, promovendo iniciativas voltadas para seu benef cio. Isso permite que os indiv duos vivenciem experi ncias que, em outros contextos, n o teriam acesso, especialmente considerando as

limitações comuns em áreas periféricas, e só poderiam vivenciar em sociedade (Simmel, 2006), considerando que, enquanto o indivíduo enfrenta pressões internas de sentimentos e pensamentos conflitantes, os grupos sociais, por outro lado, tendem a agir com uma direção mais clara e definida, contribuindo para um progresso contínuo. Assim, as ações coletivas parecem seguir uma "lei natural", enquanto os indivíduos se percebem como "livres".

Para pesquisas futuras, seria pertinente aprofundar temas como o impacto da leitura como ferramenta de inclusão social em contextos periféricos, o papel das bibliotecas comunitárias na construção de identidades locais e no fortalecimento do acesso à educação. Além disso, é fundamental investigar como as práticas culturais e as ações coletivas podem contribuir para a redução das desigualdades sociais e para a construção de uma sociedade mais equitativa, com introdução da educomunicação como estratégia de desenvolvimento social também surgindo como uma área promissora, permitindo um maior empoderamento das comunidades. Outra direção relevante seria o mapeamento das práticas de sociabilidade que acontecem nesses espaços, de forma mais imersiva, para proporcionar uma compreensão aprofundada de como os moradores constroem suas próprias narrativas, resistem às pressões externas e geram alternativas de transformação social. A análise das redes de sociabilidade formadas por essas iniciativas poderá oferecer *insights* valiosos sobre a dinâmica das comunidades e suas potencialidades para a transformação social.

Nesse sentido, o Espaço Cultural Nossa Biblioteca se configura como um ponto de convergência de diferentes práticas sociais, onde o consumo de bens culturais e educativos vai além de um simples ato material, transformando-se em um meio de construção de identidade e pertença. A proposta do espaço não é apenas oferecer acesso à cultura, mas criar um ambiente em que os jovens possam se expressar, dialogar e formar redes de apoio mútuo, promovendo o empoderamento coletivo. A experiência de socialização e consumo cultural ali vivenciada reflete a capacidade de transformação social, pois, ao democratizar o acesso a recursos culturais e educacionais, o espaço contribui para uma maior equidade e para a superação das barreiras que segregam e excluem certos grupos da participação ativa na sociedade.

Referências

BARBOSA, Lívia. **Sociedade de consumo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin. **Cultura, consumo e identidade**. FGV Editora, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.

BLANK, Cintia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. **Bibliotecas comunitárias: uma revisão de literatura**. Biblionline, 2010.

COSTA, Mariza; SOUSA, Leticia. **A contribuição do “Espaço Cultural Nossa Biblioteca” para o desenvolvimento sociocultural da comunidade do Guamá em Belém do Pará**. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 2017.

LAIPELT, Rita do Carmo Ferreira et al. **Biblioteca Comunitária e Telecentro: unidos na busca da inclusão social**. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, 2005.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes antropológicos, 2007.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o consumo?** Estação das Letras e Cores Editora. 2020.

QUEIROZ, Antônia. **A biblioteca, uma organização sócio-cultural e instrumento a serviço da educação e cidadania**. Monografia (Especialização em Metodologia da Educação Superior) - Faculdade Batista Brasileira, 2006.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Mauad Editora Ltda, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Editora Vozes Limitada, 2014.

WESSFLL, Cyntia Silva. **Bibliotecas comunitárias e cidadania: uma aproximação teórica**. Lume, 2011.